

ROTA DO PATRIMÓNIO

ENCARNAÇÃO

A freguesia tem origem num conjunto de propriedades rurais de relativa importância no final da Idade Média, ligadas no século XII ao mosteiro galego de Santa Maria de Óia. No reinado de D. Dinis, uma dessas propriedades estava na posse da coroa, a Quinta da Rainha, mais conhecida por Quinta de Fanga da Fé, doada pelo Rei a D. Isabel de Aragão, em 1298. Outras herdades eram pertença de senhores locais, como Giral Picanço ou Miguel Lobato, que deu nome à Quinta da Lobagueira (1309), mais tarde conhecida como Lobagueira dos Lobatos e, posteriormente, como Encarnação.

Este território rural, organizado em quintas e casais, parte dele constituído em reguengo por D. Duarte, em 1434, tinha o seu centro religioso: a capela de S. Domingos de Fanga da Fé. No entanto, outra poderosa devoção haveria de se sobrepôr a essa organização inicial - o culto à Senhora da Encarnação. Em 1755, arruinada a capela da Fanga, reforçou-se o estatuto desta como verdadeiro centro religioso da freguesia, estatuto de que desfruta ainda hoje.

O centro nevrálgico do território afastou-se do rio Safarujo, em benefício de uma centralidade ao longo da estrada que ligava Mafra a Torres Vedras. Aqui desenvolveram-se novas actividades, de que a extraordinária concentração de moinhos é fiel testemunho e onde surgiu um micro-topónimo tão sugestivo como Azenhas dos Padeiros.

SANTO ISIDORO

Encaixada entre dois cursos fluviais (o Safarujo e a Ribeira de Ilhas, mais conhecida por Rio do Cuco), Santo Isidoro foi, desde cedo, ocupada por quintas e extensas propriedades agrícolas, aqui se estabelecendo importantes senhorios, que conferiram ao território uma densa trama histórica, ainda bem visível na paisagem actual.

A mais antiga dessas propriedades, e também a mais célebre, é o Paço de Ilhas, documentado desde 1368 e detida por altos dignitários da corte ao longo do século XV. Nas centúrias seguintes, acompanhando a ruralização do território da Estremadura, multiplicaram-se as quintas, cada vez mais auto-suficientes e adaptadas às reais potencialidades dos solos. No final deste ciclo, algumas unidades acolheram mão-de-obra vinda de outras regiões do país, constituindo-se verdadeiros bairros às suas portas, de que o mais importante é o dos Ilhéus, na Picanceira.

Se a arquitectura civil é preponderante, não é de menor relevância a religiosa. A igreja paroquial é um templo de referência obrigatória e outras fórmulas devocionais foram criadas nas quintas e em povoações da freguesia. Finalmente, Santo Isidoro preserva o mais importante testemunho militar costeiro do concelho, edificado no tempo em que Portugal se tentava afirmar novamente como nação independente: o forte de S. Lourenço.

Julho 2010

INSCRIÇÕES E INFORMAÇÕES

COMPLEXO CULTURAL QUINTA DA RAPOSA – MAFRA

Largo Coronel Brito Gorjão
2640-492 Mafra
Telef.: 261 819 711
e-mail: museu.sbranco@cm-mafra.pt

JUNTA DA FREGUESIA DA ENCARNAÇÃO

Largo Francisco Pereira Galantinho
2640-232 Encarnação
Telef.: 261850020
Fax: 261850021
e-mail: jfencarnacao@net.novis.pt

JUNTA DA FREGUESIA DE SANTO ISIDORO

Rua da Igreja
2640-092 Santo Isidoro
Telef.: 261863423
Fax: 261866769
e-mail: juntafsi@sapo.pt



ROTA DO PATRIMÓNIO

ENCARNAÇÃO E SANTO ISIDORO



1 - IGREJA DE NOSSA SENHORA DA ENCARNAÇÃO



Imóvel de Interesse Público | Dec. 37 077, DG 228, de 29-09-1948

Um dos mais importantes templos do concelho, teve origem numa ermida consagrada a Santa Catarina, cujo apogeu se pensa ter ocorrido no século XVI, uma vez que, nos inícios da centúria seguinte, já se encontrava em ruínas. A sua reconstrução fez-se por patrocínio dos morgados da Lobagueira e uma nova imagem tutelar foi obtida do Cabido da Sé de Lisboa. Segundo a lenda, durante a viagem, esta imagem de Santa Catarina transformou-se, miraculosamente, em Nossa Senhora. Por ter encarnado, a povoação passou a ser conhecida por Lobagueira da Encarnação.

Durante mais de um século, as obras prosseguiram lentamente e só em 1709 ganharam novo fôlego. Ainda assim, o retábulo-mor de talha dourada, obra de António de Freitas, data de meados do século, tal como a azulejaria com cenas da vida da Virgem, saída das grandes oficinas lisboetas. Mais tardias são as torres da fachada principal, construídas em 1791, ano em que o sector ocidental foi refeito, com a sua galilé ligando os alpendres laterais.

Paróquia desde o terramoto de 1755, e destino de romarias sazonais organizadas em círculos durante a época moderna, alguns provenientes de localidades longínquas, como Alcabideche ou a Lourinhã, a Igreja da Encarnação assume-se como realização maior do barroco regional, substancialmente distinto das opções eruditas do Palácio Nacional de Mafra, mas perfeitamente actual em relação a tantas outras obras de qualidade por todo o país.

2 - CORETO DA ENCARNAÇÃO



Construído em 1938, é um interessante e genuíno exemplo de confluência estética local entre as correntes modernistas e algumas referências mais tradicionais, como o embasamento ou as cruzes de Cristo que enquadram os respiradouros. De planta octogonal, é marcado por linhas rectas verticalizantes e uma cobertura plana, sendo a fachada principal (sobre a dupla escadaria de acesso) decorada com frontão escalonado que ostenta uma lira e os elementos identificativos da construção: a data e o patrocínio da Câmara Municipal e da Junta de Freguesia.

3 - CAPELA DE SÃO DOMINGOS DE FANGA DA FÉ

Mais antigo templo da freguesia, muito provavelmente ligado à herdade medieval da Fanga da Fé, passou a desempenhar as funções de igreja paroquial em 1622. É um insólito monumento, isolado no meio de um adro murado e artificialmente alteado, que parece concentrar, no seu solo, os escombros de uma história passada.



Arruinado no terramoto de 1755, houve grande relutância em reconstruí-lo e, ainda em 1791, estava praticamente ao abandono. Na transição para o século XIX, comprometeram-se os habitantes da Encarnação em iniciar a reconstrução, mas as obras cessaram quando se terminava a capela-mor, fechando-se então abruptamente o seu arco triunfal com um portal já oitocentista.

4 - PAÇO DE ILHAS



Documentada desde o século XIV, então propriedade do Conde de Barcelos, tio da Rainha D. Leonor Teles, a *Quinta de Ilhas* foi sucessivamente doada pelo rei a importantes nobres da sua confiança. Em 1508, metade desta herdade foi confiada por D. Manuel I a D. Jaime, seu sobrinho e Duque de Bragança. Foi nesta altura que se construiu o actual *Paço de Ilhas*, em estilo

manuelino, junto do qual, anos depois, se ergueu a Capela de São Sebastião, tradicionalmente atribuída ao patrocínio dos Condes da Ericeira.

É provável que, nos séculos XVII e XVIII, tenha sido a residência de veraneio desta família condal, uma vez que as *Memórias Paroquiais* de 1758 a indicam como proprietária do imóvel, apesar de o conjunto já se encontrar em ruínas.

Perdendo a sua função residencial a partir do século XVIII, o imóvel entrou em decadência, constituindo hoje uma parcial ruína. A julgar pelos elementos arquitectónicos que subsistiram até ao século XX (muitos dos quais ainda existiam *in situ* na década de 80), o Paço de Ilhas deve ter sido uma impressionante moradia nobre, adaptada à vivência das importantes famílias que aqui sazonalmente habitaram.

5 - IGREJA PAROQUIAL DE SANTO ISIDORO



Imóvel de Interesse Público | Dec. 37 728, DG 4, de 05-01-1950

São duas as principais épocas artísticas nesta igreja. Nos inícios do século XVI, edificou-se uma ermida manuelina e, a partir da década de 70 do século XVII, procedeu-se à profunda reforma responsável pelo aspecto actual do

templo. O arco triunfal, manuelino, nunca foi terminado: decorrendo o trabalho escultórico, fechou-se a capela-mor com uma cancela e abandonou-se a obra. Em 1689, conforme indica uma cartela no exterior da capela-mor, terminou-se a reforma arquitectónica desta parcela e, pela mesma altura, engrandeceu-se o interior com obras de assinalável qualidade, como o retábulo-mor, proto-barroco, ou os quadros azulejares que representam os Evangelistas, datados de 1671.

6 - QUINTA DOS MACHADOS

A *Quinta da Picanceira* está documentada desde 1330, ano do testamento de D. Aldonça Anes, mulher de Giral Picanço. A sua actual configuração data do século XIX, por vontade de Domingos Dias Machado, oriundo dos Açores e que chegou a desempenhar o cargo de Presidente da Câmara Municipal de Mafra.



Na primeira metade do século XX, a quinta foi uma das mais importantes explorações agrícolas do concelho, com mais de 500 hectares úteis. Juntamente com o solar, subsistem outros edifícios, como o pombal, a “casa de brinquedos”, uma área de jardim e um núcleo de dependências de apoio à actividade agrícola.

7 - BAIRRO DOS ILHÉUS



Na encosta fronteira à Quinta dos Machados, ergue-se um curioso bairro operário, cuja arquitectura é única no país. Vulgarmente chamado “Ilhéus”, este conjunto de 23 habitações unifamiliares foi construído pelo proprietário da quinta para albergar um

contingente populacional proveniente dos Açores, o qual empregou na propriedade agrícola. Fortemente influenciado pela arquitectura popular insular, em particular da Ilha de São Miguel, de onde eram naturais Domingos Dias Machado e as famílias que recrutou, este bairro, construído ainda em finais do século XIX, é uma das maiores originalidades do património de Mafra.

8 - FORTE DE SANTA SUSANA OU DE SÃO LOURENÇO

Construído por ordem do conde de Cantanhede, D. António Luís de Meneses, este forte é o produto da necessidade de defesa costeira nacional após a proclamação da independência de 1640. Curta actividade teve o reduto. Em 1777, não tinha portas nem reboco, mas as 11 bocas de fogo estavam operacionais. Em 1821 houve um projecto de ampliação do forte, mas as obras nunca arrancaram. Arruinado em 1944, as antigas dependências foram arrasadas para dar lugar a um posto da Guarda Fiscal, cujo edifício ícone do Estado Novo na zona, ainda subsiste.

